

NORA ROBERTS

A CHAVE DA CORAGEM

Tradução de  
MARIA AUGUSTA JÚDICE



## CAPÍTULO

# 1

Zoe McCourt tinha dezasseis anos quando conheceu o rapaz que viria a mudar a sua vida. Tinha crescido nas montanhas da Virgínia e era a mais velha de quatro filhos. Aos doze, o pai já tinha fugido com a mulher de outro homem.

No entanto, Zoe não encarara esse facto como uma grande perda. O seu pai era um homem instável e irritadiço, que preferia beber cerveja com os amigos ou ir para a cama com a mulher do vizinho a cuidar dos seus.

Mesmo assim, tinha sido duro, já que, na maior parte das semanas, ainda trazia dinheiro para casa.

A mãe era uma mulher magra e nervosa, que fumava demasiado e compensava a deserção do marido substituindo-o, com alguma regularidade, por namorados da mesma laia de Bobby Lee McCourt. Embora eles a fizessem feliz a curto prazo, e triste e furiosa a longo prazo, ela nunca conseguira passar sem um homem durante mais de um mês.

Crystal McCourt criara os filhos numa rulote de duas divisões estacionada num lote do Parque de Caravanas de Hillside. Depois da fuga do marido, Crystal apanhara uma bebedeira de caixão à cova e, entregando as responsabilidades a Zoe, saltara para o seu *Camaro* em terceira mão para, nas suas próprias palavras, ir atrás daquele «sacana aldrabão e da sua maldita puta».

Tinha passado três dias fora. Não conseguira encontrar Bobby, mas regressara ébria. A busca custara-lhe alguma autoestima e o emprego na Debbie's House of Beauty.

O salão de Debbie era mais um barracão, mas, mesmo assim, foi um duro golpe deixar de ter um salário regular.

A experiência endureceu Crystal consideravelmente. Mandou os filhos sentarem-se e explicou-lhes que as coisas iam ser árduas e duras, mas haviam de encontrar uma solução.

Pregou o diploma de esteticista na cozinha da rulote e abriu o seu próprio cabeleireiro.

Baixou os preços em relação aos de Debbie, e tinha um verdadeiro talento para arranjar o cabelo.

Era assim que se tinham aguentado. A rulote cheirava a água oxigenada, a permanentes e a fumo, mas tinham-se aguentado.

Zoe lavava cabeças, varria os cabelos cortados e tratava dos três irmãos mais novos. Quando revelou alguma aptidão, começou a fazer *brushing* e a cortar o cabelo.

Sonhava ainda com algo melhor, com outros mundos, para lá do parque.

Teve bons resultados na escola, principalmente a Matemática. O seu talento para números fez com que viesse a ocupar-se da contabilidade, dos impostos e das contas da mãe.

Já era adulta antes do seu décimo quarto aniversário, e a criança dentro dela ansiava por algo mais.

Não constituiu, por isso, qualquer surpresa o facto de se deixar deslumbrar por James Marshall.

Ele era tão diferente dos rapazes que conhecia. Não apenas por ser um pouco mais velho — dezanove anos para os seus dezasseis —, mas porque já tinha viajado e visto o mundo. E era tão bonito! Era como o Príncipe Encantado dos livros.

O seu bisavô podia ter trabalhado nas minas que existiam naqueles montes, mas James não tinha um único bocadinho

de poalha de carvão. As gerações anteriores tinham-no escovado todo, e acrescentado algum brilho e polimento.

A família tinha dinheiro, o tipo de dinheiro que servia para pagar distinção, estudos e viagens à Europa. Tinham a maior casa da cidade, branca e vistosa como um vestido de noiva, e James e a irmã mais nova tinham estudado em colégios particulares.

Os Marshall gostavam de dar festas, grandes festas estrondosas com música ao vivo e comida requintada servida por empresas de *catering*. A senhora Marshall mandava sempre Crystal ir lá a casa arranjar-lhe o cabelo para as festas, e frequentemente Zoe acompanhava-a para lhe tratar das unhas.

Ela sonhava com aquela casa, tão limpa e cheia de flores e coisas bonitas. Era tão maravilhoso saber que as pessoas viviam assim. Nem toda a gente vivia enlatada numa rulote a cheirar a produtos químicos ou a fumo entranhado.

Prometeu a si mesma que um dia haveria de viver numa casa. Não tinha de ser grande e imponente como a dos Marshall, mas havia de ser uma casa a sério, e teria um pequeno jardim.

Um dia, também viajaria para os lugares de que a senhora Marshall falava: Nova Iorque, Paris, Roma.

Poupava para isso todos os cêntimos das gorjetas e o dinheiro dos trabalhos extra. Aliás, o dinheiro que não era destinado à mãe para equilibrar as contas.

Tinha jeito para lidar com dinheiro. Aos dezasseis anos, possuía quatrocentos e catorze dólares guardados numa conta de poupança secreta.

Em abril, quando fez catorze anos, ganhou algum dinheiro a mais, ajudando a servir numa das festas dos Marshall. Ela era bastante apresentável, e estava ansiosa por trabalhar lá em casa.

Nessa altura usava os cabelos compridos, um longo fio negro caído ao longo das costas. Sempre fora esguia, mas desabrochava

de tal maneira que os rapazes andavam sempre a farejar atrás dela. Não tinha tempo para eles... pelo menos não tinha muito.

Tinha uns olhos castanho-dourados com pestanas compridas que estavam sempre a ver, a observar, a questionar, e uns lábios grandes e carnudos que não sorriam logo à primeira. Os seus traços eram marcados e angulosos, acrescentando algum exotismo em contraste com a sua timidez natural.

Fazia o que lhe mandavam, e fazia-o bem; e resguardava-se, tanto quanto possível.

Talvez tivesse sido a timidez, ou os olhos sonhadores, ou a competência, que atraía James. Fosse como fosse, ele namoriscou com ela naquela noite no início da primavera, desorientou-a e, fundamentalmente, lisonjeou-a. Depois, pediu para voltar a vê-la.

Encontraram-se em segredo, o que ainda contribuía para aumentar a emoção. A ideia idílica de ter alguém como James a prestar-lhe atenção era algo que a deixava segura de si. Como ele a escutava, a sua timidez desapareceu e ela confessou-lhe os seus sonhos e esperanças.

Ele era meigo para ela e, sempre que ela conseguia fugir, iam dar longos passeios de automóvel, ou pura e simplesmente sentavam-se a ver as estrelas e a conversar.

Como era evidente, não tardou muito a fazerem mais do que isso.

Ele confessou-lhe que a amava. Disse que precisava dela.

Numa suave noite de junho, sobre um cobertor vermelho que estenderam no bosque, ela perdeu a inocência com o otimismo voraz dos jovens.

Ele continuou a ser meigo, atento, e prometeu que haviam de estar sempre juntos. Ela imaginou que ele acreditava nisso. E acreditou nele.

No entanto, havia um preço a pagar pela juventude e pela tolice. Ela pagou-o. E ela achava que ele também. Talvez tivesse até pago mais, muito mais do que ela — porque, enquanto ela perdera a sua inocência, James ficara sem um tesouro muito mais precioso.

Fitava agora esse tesouro. O seu filho.

Se James mudara a vida dela, Simon voltara a endireitá-la. Noutra caminho, de outra forma. James permitira a Zoe saborear pela primeira vez o que era ser mulher. O filho transformara-a numa mulher.

Adquirira a sua casa — a sua casinha com quintal — e fizera-o sozinha. Podia nunca ter chegado a viajar para todos aqueles lugares maravilhosos como em tempos sonhara, mas tinha visto todas as maravilhas do mundo nos olhos do filho.

Agora, quase dez anos depois de lhe ter pegado ao colo pela primeira vez, de lhe ter prometido que nunca o deixaria ficar mal, avançava mais uma vez em frente com o filho. Estava a tentar fazer com que Simon tivesse mais.

Zoe McCourt, a rapariga tímida das montanhas da Virgínia, estava prestes a abrir o seu próprio estabelecimento na bonita cidade de Pleasant Valley, com duas mulheres que se tinham tornado simultaneamente irmãs e amigas no curto espaço de dois meses.

Indulgence. O nome agradava-lhe. Era aquilo que ela queria para os seus clientes, o que ia dar trabalho, muito trabalho, a ela e às amigas. Mas até o trabalho era uma espécie de prazer, visto ser algo a que todas tinham sonhado dedicar-se.

A galeria de arte e artesanato de Malory Price ocuparia um dos lados do piso térreo da doce casa nova delas. A livraria de Dana ficaria do outro lado. E o seu salão estender-se-ia pelo piso superior.

*Já faltam poucas semanas*, pensou. Faltavam poucas semanas de obras e remodelações, a colocação de produtos, *stocks* e equipamentos. E a seguir abririam as portas ao público.

Sentiu um sobressalto na barriga só de pensar nisso, mas não se tratava apenas de receio. Alguns desses sobressaltos eram de pura excitação.

Sabia exatamente qual seria o aspeto da casa depois de pronta: cheia de cor e de luz no salão principal, com tons mais suaves e relaxantes nas salas de tratamentos. Teria velas espalhadas, para dar aroma e ambiente, e quadros interessantes nas paredes. Boa iluminação para melhorar a disposição e relaxar.

Indulgence. Para a mente, para o corpo, para o espírito. Tencionava dar às clientes um pouco dos três.

Nessa noite ia a conduzir do Vale, onde tinha a sua casa, para ir tratar de negócios nas montanhas, onde enfrentaria o seu destino. Simon estava um pouco pensativo, a olhar pela janela. O rapaz não estava contente, sabia-o, mas mesmo assim obrigara-o a ir de fato.

Quando uma pessoa recebia um convite para jantar num lugar como o Pico do Guerreiro, tinha de se vestir a rigor.

Absorta, Zoe puxou a parte de baixo do vestido. Comprara-o num *outlet* por bom preço, e esperava que a malha púrpura-escura fosse adequada.

*Provavelmente, devia ter arranjado alguma coisa preta, para ficar com um ar mais distinto e sóbrio*, pensou. No entanto, gostara imenso da tonalidade e precisava daquele toque de cor para lhe dar confiança. Aquela era uma das noites mais importantes da sua vida, por isso, devia também ir vestida com uma roupa que a fizesse sentir-se bem.

Zoe comprimiu os lábios. Já que os seus pensamentos tinham circulado em torno daquilo em que evitara pensar, era altura de lidar com isso.

Como explicaria a um rapaz de nove anos o que fizera, pensou, e, mais ainda, o que estava prestes a fazer?

— Acho que é melhor conversarmos sobre o motivo por que vamos lá jantar esta noite — começou.

— Aposto que mais ninguém vem de fato — murmurou ele.

— E eu aposto que tu estás enganado.

O rapaz virou a cabeça e lançou-lhe um olhar de relance.

— Dinheiro.

— Dinheiro — concordou ela.

*Ele é tão parecido comigo*, pensou Zoe. Às vezes isso provocava nela uma espécie de alegria feroz e possessiva. Não era estranho não existir nada de James estampado naquele rosto? Os olhos eram os dela, a boca era a sua, bem como o nariz, o queixo, os cabelos, tudo moldado apenas ligeiramente para dar origem a Simon.

— Bom... — disse ela, e aclarou a voz. — Sabes que, há um ou dois meses, recebi um convite para ir ao Pico do Guerreiro. E que foi nessa altura que conheci a Malory e a Dana.

— Claro, lembro-me disso porque no dia seguinte comprei-me a *PlayStation 2*, e nem sequer era o meu dia de anos.

— Os presentes de «desaniversário» são os melhores.

Ela conseguira comprar a prenda que Simon tanto desejava com parte dos vinte e cinco mil dólares que lhe tinham pago por ter concordado com... o fantástico.

— Tu conheces a Malory e a Dana, e conheces o Flynn, o Jordan e o Bradley.

— Sim, ultimamente passamos muito tempo com eles. São fixes. Para cotas — acrescentou com uma careta que ele sabia a faria rir.

Porém, ela não se riu.

— Há algum problema com eles? — perguntou o rapaz muito depressa.



— Não. Não. Não há problema absolutamente nenhum — respondeu ela, mordendo o lábio inferior enquanto tentava encontrar as palavras certas. — Hum, às vezes as pessoas têm uma ligação umas às outras sem o saberem. Quero dizer, a Dana e o Flynn são irmãos... aliás, mais ou menos irmãos. A Dana tornou-se amiga da Malory; nessa mesma altura, o Flynn e a Malory conheceram-se e, quando deram por isso, estavam apaixonados.

— Isso é alguma história melada? Ainda sou capaz de vomitar.

— Se vomitares, põe a cabeça fora da janela. Bem, o Flynn é um velho amigo do Jordan e do Bradley, e, quando eram mais novos, o Jordan e a Dana eram... namorados. — Era a palavra mais segura de que uma mãe se podia lembrar. — A seguir, o Jordan e o Bradley abandonaram o Vale. E depois voltaram, em parte devido a estas pessoas com quem vamos estar. E o Jordan e a Dana voltaram a andar juntos e...

— E agora vão casar-se, tal como o Flynn e a Malory. Parece uma epidemia. — Entretanto tinha-se virado para ela, e o seu rosto refletia o sofrimento típico da pré-adolescência. — Se formos a esses casamentos como fomos ao da tia Joleen, se calhar vais obrigar-me a ir de fato, não?

— Vou! Atormentar-te é um dos meus prazeres. O que te estou a tentar mostrar é que cada um de nós acabou por ficar ligado aos outros de uma maneira ou de outra. E há mais uma coisa. Ainda não te falei muito acerca das pessoas que vivem no Pico do Guerreiro.

— São mágicos.

A mão de Zoe tremeu sobre o volante. Ela abrandou e encostou o carro à beira da estrada.

— O que queres dizer com «mágicos»?

— Bolas, mãe. Eu costumo ouvir-vos conversar quando têm aquelas reuniões. Então, eles são bruxos ou quê? Não compreendo.

— Não. Sim. Não sei ao certo. — Como poderia explicar a uma criança o que eram deuses antigos? — Acreditas em magia, Simon? Não estou a falar em truques de cartas, mas no tipo de coisas que se leem nas histórias como o *Harry Potter* ou *O Hobbit*.

— Se não fossem reais, porque é que haveria tantos livros, filmes e tretas assim acerca disso?

— Está bem visto — afirmou ela passado um momento. — A Rowena e o Pitte, as pessoas que vivem no Pico, as pessoas que vamos ver esta noite, são mágicas. Vêm de um lugar diferente e estão aqui porque precisam da nossa ajuda.

— Para quê?

Conseguira captar a atenção e o interesse dele, sabia-o. O interesse que o levava a ler as histórias que ela referira, os livros de banda desenhada dos X-Men e a jogar os jogos de vídeo em que encarnava personagens e que ele adorava.

— Vou explicar-te. Isto vai parecer uma historieta, mas não é. Só que entretanto tenho de ir conduzindo, para não chegarmos atrasados.

— Está bem.

Zoe respirou fundo tranquilamente enquanto voltava a entrar na estrada.

— Há muito tempo, mesmo muito, muito tempo, num lugar a que chamam a Cortina dos Sonhos, ou a Cortina Magnética, havia um jovem deus...

— Como Apolo?

— Mais ou menos. Mas não era grego. Era celta. Era filho de um rei e, quando cresceu, fez uma visita ao nosso mundo, conheceu uma rapariga e apaixonou-se.

A boca de Simon contorceu-se.

— Porque é que acontece sempre a mesma coisa?

— Podemos voltar mais tarde a esse tipo de coisas? Não temos muito tempo. Apaixonaram-se e, embora ele não

pudesse propriamente fazer isso, os pais deixaram-no levar a rapariga com ele para poderem casar-se. Alguns dos deuses estavam de acordo, mas para outros isso não estava certo. Houve batalhas e...

— Fixe.

— O mundo dividiu-se praticamente em dois reinos. Num deles, o jovem deus passou a ser o governante, casado com a sua esposa humana, ao passo que o outro era governado por um feiticeiro maléfico.

— *Fixérrimo.*

— O jovem rei tinha três filhas. Chamam-lhes semideusas porque eram em parte humanas. Cada uma delas possuía um dom especial. O da primeira era a música, ou a arte, o da segunda era a escrita, ou o conhecimento, e o da terceira era a coragem, acho eu. A valentia.

A sua boca ficou um bocado seca só de pensar nisso, porém, Zoe engoliu em seco e prosseguiu.

— Ela era uma espécie de guerreira. Eram muito chegadas umas às outras, como quaisquer irmãs, e os pais amavam-nas. Para que elas ficassem em segurança enquanto o reino passava por todos aqueles problemas, o rei providenciou um guerreiro e uma mestra para as proteger e ensinar. Até que, não resmungues, o guardião e a mestra se apaixonaram.

Ele deixou cair a cabeça para trás e pôs-se a olhar para o tejadilho.

— Eu sabia.

— Como não eram rapazes sarcásticos com nove anos, as filhas ficaram felizes por eles e encobriam-nos quando os dois se afastavam um pouco para ficarem a sós. Por isso, as raparigas não foram tão bem guardadas como deviam ter sido. O feiticeiro malvado tirou partido disso, aproximou-se e lançou-lhes um feitiço. O feitiço fez com que as almas das filhas

fossem roubadas e encerradas numa caixa de vidro com três fechaduras e três chaves.

— Que horror, ficaram na pior.

— Pois ficaram. As almas encontram-se fechadas dentro da caixa, e só poderão sair quando as chaves rodarem, uma de cada vez, nas fechaduras, o que só pode ser feito pela mão de um mortal. De um ser humano.

Como sentia um formigueiro nos dedos, Zoe esfregou-os na parte de baixo do vestido.

— Sabes, como elas eram meio humanas, o feiticeiro fez com que só alguém do nosso mundo pudesse salvá-las, porque ele não imaginava que isso fosse possível. A mestra recebeu as chaves — mas não pode usá-las — e foi atirada para este mundo, juntamente com o guardião. Em todas as gerações, ambos têm de pedir a três seres humanos, os únicos três seres humanos capazes de abrir a fechadura, para encontrarem as chaves. Estas têm de ser escondidas e descobertas como parte da demanda, como parte da conjura. Cada uma das escolhidas tem de agir à vez e tem apenas quatro semanas para encontrar a chave e colocá-la na fechadura.

— Uau, são vocês que têm de encontrar a chave? Como é que foram escolhidas?

Zoe soltou um leve suspiro. O filho era um rapaz inteligente e lógico.

— Não sei ao certo. Nós, a Mal, a Dana e eu, somos parecidas com as filhas. As Filhas de Vidro, como lhes chamam. A Rowena é uma artista e tem um retrato delas no Pico. São associações, Simon. Há algo que nos liga umas às outras, às chaves e às filhas. Acho que se pode dizer que é o destino.

— Se não encontrarem as chaves, elas ficam fechadas dentro da caixa?

— As almas delas é que ficam. Os seus corpos estão dentro de urnas de vidro, hum, como a Branca de Neve. À espera.

— A Rowena e o Pitte são a mestra e o guardião — preferiu ele, assentindo. — E tu, a Malory e a Dana têm de encontrar as chaves e resolver tudo.

— Exato. A Malory e a Dana já tiveram a sua vez e encontraram as suas chaves. Agora é a minha vez.

— Vais encontrá-la — afirmou ele, com um aceno solene de cabeça. — Tu encontras sempre as coisas que eu perco.

Se ao menos as coisas fossem tão simples como encontrar os brinquedos do filho.

— Vou fazer todos os possíveis por encontrá-la. Mas digo-te uma coisa, Simon: o feiticeiro, que se chama Kane, já tentou impedir-nos. E vai fazer o mesmo comigo. Embora seja bastante assustador, não posso deixar de tentar.

— Dás-lhe um chuto no rabo.

As gargalhadas desfizeram-lhe alguns nós que sentia no estômago.

— É esse o meu plano. Não tencionava contar-te tudo isto, mas também não me parecia correto não dizer nada.

— Porque nós somos uma equipa.

— Sim, somos uma excelente equipa.

Zoe parou em frente aos portões abertos do Pico do Guerreiro.

Os portões eram ladeados por dois guerreiros de pedra, de mãos na bainha das espadas. Pareciam-lhe tão corajosos, tão formidáveis. *Associações?*, pensou. Que associação podia haver entre alguém como ela e aqueles guerreiros ao portão?

Tranquila, Zoe respirou fundo e prosseguiu.

— Com mil macacos! — exclamou Simon, ao lado dela.

— É mesmo.

Ela percebeu a reação dele ao ver a casa. Também ficara de olhos esbugalhados e queixo caído da primeira vez que a vira de perto.

Muito embora «casa» fosse uma expressão demasiado comum para o Pico. Metade castelo, metade fortaleza, erguia-se muito acima do Vale como aquelas montanhas majestosas e sobrepunha-se a elas. Os seus picos e torreões eram feitos de pedra negra com carrancas empinadas nas goteiras como se fossem cair por capricho, o que não seria propriamente muito divertido. Era uma casa enorme, rodeada de relvados luxuriantes que se estendiam até aos bosques e se tornavam sombrios ao cair da noite.

No cimo da torre mais alta esvoaçava uma bandeira branca com o emblema de uma chave dourada.

O Sol punha-se atrás dela, e a tela do céu tinha veios vermelhos e dourados, dando à casa um ar ainda mais impressionante.

*Em breve o céu estará negro, apenas com uma fina nesga de Lua,* pensou Zoe. No dia seguinte começava a primeira noite de Lua nova, o início da demanda.

— Lá dentro também é o máximo. Parece uma coisa de filme. Não mexas em nada.

— Mãe.

— Estou nervosa. Poupa-me — disse ela, conduzindo lentamente até à entrada. — Mas, a sério, não mexas em nada lá dentro.

Parou o automóvel, esperando não ser a primeira nem a última a chegar, e a seguir tirou um batom para retocar o que pusera à presa antes de sair de casa. Num gesto automático, passou os dedos pelas pontas direitas dos cabelos, que usava agora mais curtos do que os do filho.

— Tu estás bem, certo? Podemos ir? Quero que estejamos muito bem apresentados — afirmou ela, pegando-lhe

no queixo e usando o pente que tirara da carteira para lhe pentear os cabelos enquanto ele a fuzilava com o olhar. — Se não gostares do que nos derem ao jantar, finge que comes, mas não digas que não gostas nem faças ruídos como se estivesses para vomitar. Eu depois arranjo-te qualquer coisa quando chegarmos a casa.

— Podemos ir ao McDonald's?

— Depois logo vemos. Estamos bem. Estamos ótimos. Pronto. — Zoe voltou a pôr o pente dentro da carteira e começou a abrir a porta do carro.

O velhote que recebia as visitas e estacionava os seus automóveis estava ali para levar o dela. Ele fazia-a sempre dar um salto.

— Oh. Obrigada.

— O prazer é todo meu, menina. Boa noite para os dois. Simon lançou-lhe um longo olhar observador.

— Olá.

— Boa noite, senhor.

Contente com o título, Simon sorriu para ele e aproximou-se.

— O senhor é um dos mágicos?

As rugas do velho tornaram-se mais pronunciadas e transformaram-se num largo sorriso.

— Talvez seja. O que achavas se fosse?

— Lindo. Mas porque é tão velho?

— Simon.

— É uma boa pergunta, minha senhora — disse ele, em resposta à exclamação horrorizada de Zoe. — Sou assim velho porque tive o prazer de viver muito. Desejo-te o mesmo prazer — acrescentou, inclinando-se com os ossos a ranger até o seu rosto ficar ao nível do de Simon. — Queres saber uma coisa?

— Está bem.

— Nós somos todos mágicos, só que uns sabem disso e outros não.

Dito isto, voltou a endireitar-se.

— Eu arrumo-lhe o carro, minha senhora. Tenham uma boa noite.

— Obrigada — disse ela, pegando na mão de Simon e caminhando até às portas de entrada. Estas abriram-se antes que eles tivessem tempo de bater, e Rowena apareceu.

Os seus cabelos cor de fogo caíam-lhe gloriosamente sobre os ombros de um longo vestido verde como as sombras do bosque. Tinha um pendente de prata entre os seios, com a pedra central transparente a emitir o seu clarão sob a luz brilhante do átrio.

Como sempre, a sua beleza provocou um breve choque, como uma pequena descarga elétrica.

Embora estendesse a mão para cumprimentar Zoe, os seus olhos — de um verde mais forte e mais rico do que o vestido — só viam Simon.

— Bem-vindo — proferiu, com uma entoação que fazia ecoar a das terras distantes que Zoe em tempos desejara conhecer. — Tenho muito gosto em voltar a ver-te. E é um enorme prazer conhecer-te, Simon, até que enfim.

— Simon, esta é senhora Rowena.

— Só Rowena, por favor, porque espero que venhamos a ser amigos. Não entram? — perguntou, sem tirar a mão da de Zoe e tocando com a outra no ombro de Simon.

— Espero que não tenhamos chegado atrasados.

— Não, de modo algum. — Rowena recuou e abriu caminho sobre o chão de mosaicos coloridos. — A maior parte dos outros já cá está, mas a Malory e o Flynn ainda não chegaram. Estamos na salinha. Diz-me, Simon, gostas de fígado de vitela e couves-de-bruxelas?



Antes de se lembrar da ordem da mãe, ele começou a fazer ruídos como se estivesse para vomitar, o que fez Zoe corar.

E o riso de Rowena pairava em torno deles.

— Como sinto exatamente o mesmo, é uma sorte esse prato não fazer parte da refeição de hoje. Os nossos convidados — anunciou ao entrar na salinha. — Pitte, vem conhecer o jovem senhor McCourt.

Simon ergueu o rosto para olhar para a mãe e deu-lhe uma cotovelada.

— Senhor — afirmou, com grande satisfação, pelo canto da boca.

O amante de Rowena apresentava-se tão bem como ela. O seu forte porte de guerreiro estava envolto num elegante fato escuro. Os seus cabelos negros encontravam-se penteados para trás, revelando um rosto forte, cujos ossos pareciam talhados por debaixo da carne. Os olhos, de um azul brilhante, observavam Simon enquanto este erguia uma sobrancelha e estendia a mão com elegância.

— Boa noite, senhor McCourt. O que posso oferecer-lhe para beber?

— Posso beber *Coca-Cola*?

— Com certeza.

— Por favor, instalem-se à vontade — disse Rowena, com um gesto hospitaleiro.

Entretanto, Dana já se tinha levantado para atravessar a sala.

— Olá, Simon. Como vai isso?

— Bem. Tirando o facto de ter perdido um dólar por aquele homem e o Brad estarem de fato.

— Azar.

— Vou falar com o Brad, está bem, mãe?

— Está bem, mas... — começou ela, e soltou um suspiro quando ele se afastou. — Não mexas em nada — acrescentou muito baixinho.

— Ele vai portar-se bem. E tu, como estás?

— Não sei — respondeu, olhando para a amiga, uma das pessoas em quem ela acabara por confiar tão plenamente. Os olhos castanho-escuros observaram-na com um entendimento que apenas mais uma pessoa era capaz de ter. — Acho que me sinto um pouco confusa. Mas não vamos pensar nisso agora. Estás com ótimo aspeto.

Para Zoe, era absolutamente verdade. Os densos cabelos castanhos tombavam, flexíveis e elegantes, em forma de sino, três dedos abaixo do queixo forte de Dana. Era um penteado bom para ela, já que fora Zoe, a cabeleireira, que o aconselhara.

Era um alívio Dana ter escolhido um casaco cor de tijolo por cima do preto mais formal.

— Ainda melhor — acrescentou —, pareces feliz. — Ergueu a mão esquerda de Dana para admirar o rubi lapidado em forma de quadrado. — O Jordan tem imenso gosto para joias e para noivas.

— Isso é indiscutível — afirmou Dana, olhando para o sofá, onde Jordan e Pitte conversavam.

*São bastante parecidos com os guerreiros que ladeiam os portões,* pensou.

— Arranjei um belo homem.

*Ficam muito bem um com o outro,* pensou Zoe. O porte sensual de amazona de Dana com a figura alta e musculada de Jordan. Acontecesse o que acontecesse, Zoe estava feliz por eles se terem reencontrado.

— Pensei que talvez apreciasses um copo de champanhe — afirmou Rowena, avançando para oferecer a Zoe uma taça de cristal com o vinho borbulhante.

— Obrigada.

— O teu filho é lindo.

O orgulho tomou o lugar dos nervos.

— Pois é. A coisa mais bela da minha vida.

— Isso faz de ti uma mulher muito rica — comentou Rowena, tocando-lhe no braço e sorrindo. — Ele e o Bradley parecem ter ficado amigos rapidamente.

— Ligam bem um com o outro — concordou Zoe.

Não sabia bem o que havia de pensar; aquilo parecia-lhe tão improvável. Porém, ali estavam eles, lado a lado, no outro canto da sala, obviamente envolvidos numa conversa profunda. O homem num elegante fato cinzento-escuro e o rapaz no seu fato castanho-escuro que já lhe ficava — céus! — um pouco pequeno.

Parecia estranho que Simon se sentisse tão à vontade com aquele homem enquanto ela estava tão pouco à vontade com ele. Ela e o filho costumavam andar a par.

Então Brad virou-se e os seus olhos, quase da mesma cor do fato, cruzaram-se com os dela.

*Ab, sim, aqui está o motivo*, pensou ela. Aquela era a única pessoa que ela e Simon conheciam que conseguia pôr-lhe a barriga a andar à volta com um único olhar.

Ele era demasiado belo, demasiado rico, demasiado *tudo*. «Muito, mas muito fora do teu alcance, Zoe, e já passámos por essa experiência.»

Bradley Charles Vane IV fazia James Marshall parecer um labrego, de todas as maneiras possíveis. A fortuna dos Vane, construída com base na madeira, espalhando a sua cadeia de lojas de qualidade, a HomeMakers, por todo o país, fazia de Brad um homem muito poderoso e privilegiado.

O seu aspeto — os cabelos de um louro escuro, os olhos cor de fuligem e a boca de feiticeiro — tornavam-no, na sua

opinião, um homem perigoso. Brad tinha o porte esguio e musculado ideal para aqueles fatos de marca. Um par de pernas longas que percorreriam rapidamente o caminho até à porta, imaginou ela.

Além do mais, achava-o imprevisível. Num minuto podia ser frio e arrogante, no seguinte colérico e mandão, e depois surpreendentemente meigo.

Não confiava num homem cujo comportamento não conseguia prever.

Porém, confiava-lhe Simon, o que constituía mais um enigma. Ele nunca faria mal ao seu menino. Tinha a certeza absoluta disso. Além de que não podia negar que ele era bom a lidar com ele, bom para ele.

Mesmo assim, quando Brad se levantou para ir ter com ela, todos os seus músculos se retesaram.

— Está tudo bem?

— Tudo em ordem.

— Sempre explicaste ao Simon o que se passa.

— Ele tem o direito de saber. Eu...

— Se parares de me saltar à garganta, talvez eu consiga dizer-te que estou de acordo. Não só tem esse direito, como tem uma mente suficientemente brilhante e ágil para lidar com o assunto.

— Ah! — exclamou ela, baixando os olhos para o copo. — Desculpa. Estou um pouco nervosa.

— Talvez te ajude pensares que não estás sozinha nisto.

Enquanto ele falava, ouviu-se um burburinho na sala.

Passado um instante, *Moe*, o desastrado cão preto de Flynn, entrou por ali adentro num rompante. Soltou um latido de contentamento e correu para a bandeja de canapés pousada sobre uma mesinha baixa.

Flynn e Malory correram atrás dele, seguidos de uma Rowena que não parava de rir. Houve gritos, mais latidos e um infeliz ruído de coisas a cair.

— De facto — acrescentou Brad enquanto fitava o caos que se seguiu —, é uma sorte se conseguires arranjar cinco minutos de sossego neste grupo.